

Brasília, onde o fascínio não se esgota

O arquiteto alemão Edgar Heydock acha um equívoco o brasileiro, de modo geral, ser contra Brasília. Para ele, a cidade se humanizou

Roque de Sa



armado, embora com forma própria. No mundo todo, há realizações semelhantes, como uma cidade da Índia, Chandigar. Criada em 1947, Chandigar (capital do Estado de Pundjab) tem uma arquitetura revolucionária, criada por Le Corbusier. Só não farei comparações entre as duas, porque cada qual encerra sua fantasia.

— Onde o senhor encontrou uma arquitetura tipicamente nacional?

— No Brasil mesmo, em Santa Catarina, acho que está se conseguindo algo nesse sentido. Se você vai a Blumenau e Joinville, observa lojas comerciais e órgãos do governo com a cara da população, traduzindo seu espírito. E tem mais: lá eles estão usando a tapeçaria, que dá uma inovação na arquitetura brasileira e traz um resultado final muito brasileiro também.

— Existe arquitetura nacional na Alemanha?

— A arquitetura contemporânea alemã é muito baseada ainda nos padrões norte-americanos. Mas acho que a arquitetura do estádio de Munique já começa a conter a personalidade do povo alemão. É por aí que temos que ir até encontrarmos melhores expressões. Nada é tão perfeito, que não possa ser melhor. Brasília, por exemplo.

— Há uma receita especial para a arquitetura no Brasil ganhar feição singular?

— Cada cidade deve encontrar o seu caminho, e isso pode ser feito com pouco dinheiro, e muita criatividade. O Japão é um típico exemplo. Aquele país encontrou um caminho na arquitetura para expressar o perfil de seu povo. A Escandinávia também e parte da Itália.

— Quais as cidades brasileiras em que o senhor atuou na restauração do patrimônio histórico?

— Ouro Preto, Mariana, Salvador, Santo Amaro (BA) e outras. A tentativa de restauração deve visar sempre a integração entre os planos originais da cidade e o patrimônio histórico. Restaurar com a maior fidelidade possível à concepção original da cidade é o ideal.

— O Brasil, e Brasília em especial, é conhecido na Alemanha?

— Ambos são conhecidos, mas Brasília é muito mais ainda no meio dos arquitetos e urbanistas. Ainda há pouco, realizei um documentário sobre Brasília para uma tevê alemã. Penso que é uma importante integração dos dois países em todos os aspectos e seria uma experiência fascinante a troca de informações entre todos os países.

O fascínio exercido pela arquitetura de Brasília ainda não se esgotou. E na opinião do técnico do governo alemão Edgar Heydock, especialista em planejamento urbano, dificilmente se esgotará, "pois é uma das melhores manifestações da arquitetura contemporânea". Edgar esteve em Brasília durante dois dias nesta semana — segunda e terça-feira — a pedido da Fundação Pró-Memória, órgão para o qual ele trabalha através de um convênio entre os governos da Alemanha e do Brasil.

Durante os seus dois dias de permanência, ele ministrou palestras no Conselho Nacional de Urbanismo (CNDU), organismo com o qual também colabora, enfocando técnicas de revitalização das cidades velhas. Edgar já veio seis vezes seguidas a Brasília nos últimos seis anos, tendo permanecido, aqui, no ano passado, cerca de seis meses. Na véspera de embarcar para Porto Alegre, onde fará palestras antes de retornar à Alemanha, o arquiteto concedeu uma entrevista à repórter Sheila Dunaevits do *Jornal de Brasília*.

Qual o seu interesse por Brasília? Quando isso começou?

— Nenhum arquiteto pode ignorar o fenômeno que foi Brasília. Depois de 30 anos sem qualquer novidade na área da arquitetura, eis que surgem profissionais com uma proposta totalmente nova no País. Há um consenso de que Brasília é um monumento internacional da arquitetura contemporânea e eu, que tenho o maior interesse em conhecer todas as manifestações dessa ciência-arte não poderia descartar Brasília, uma espécie de símbolo nacional.

— O que torna Brasília um símbolo nacional?

— Os brasileiros esperaram, durante muito tempo, pela construção da capital do País. E quando chegou a hora, foi uma surpresa: algo de novo e moderno estava nascendo. Sem dúvida alguma, podemos dizer que Brasília é a única cidade brasileira que inovou em termos de arquitetura e criou a imagem de

um Brasil mais de acordo com o que ele é. De fato, os brasileiros têm esse perfil de arrojo, de busca do futuro.

— Como especialista em restauração de cidades velhas, o senhor observa alguma parte de Brasília desgastada?

— Brasília é uma cidade muito jovem ainda. Não há nada aqui que necessite ser restaurado. Seria mais apropriado falarmos de preservação e não de restauração. Alguns monumentos, como a Praça dos Três Poderes, a catedral, o teatro nacional e o palácio Alvorada, devem permanecer como estão. Considero-os das melhores arquiteturas de Brasília. Isso prova que os autores do projeto da cidade tinham razão.

— O que o senhor apontaria de errado na cidade?

— Todos os equívocos estão relacionados aos grandes espaços, que são destinados ao público, mas muito pouco utilizados. Isso decorre da

dificuldade que os pedestres enfrentam em Brasília, quando querem se divertir, usufruir do que a cidade lhes oferece gratuitamente até. Além disso, no Setor Bancário Sul a gente encontra prédios muito altos, como o do Banco do Brasil, que escondem a vista do Palácio do Planalto. Lúcio Costa não pretendeu isso; foi uma deformação.

— O senhor acha que os brasileiros encaram Brasília de forma tão complacente quanto a sua?

— De modo geral, a opinião pública é contra a cidade. Mas isso é um grande equívoco. Com a vinda das pessoas, a cidade se humanizou. Vieram os debates, os estudos, o trabalho, e tudo o mais que decorre da presença das pessoas. Hoje a cidade tem bar, restaurante, cinemas e um movimento teatral razoável, se comparado com o de cinco anos atrás.

— Costuma-se dizer que par-

te dos problemas que Brasília hoje enfrenta, decorre justamente do fato de ter crescido rápido demais.

— Os problemas sociais daí decorrentes são de uma outra natureza. Cabe aos governantes e administradores achar soluções justas para toda a população. A estética própria da cidade, sua feição espacial, transcendem a qualquer coisa. A beleza, a criatividade, não estão sujeitas nem a tempo, nem a espaço. São símbolos eternos.

— O que impede, às vezes, a aproximação das pessoas com a cidade?

— O fato de se comparar o presente com o passado, velhas fórmulas com novas idéias. Isso aqui é a casa das pessoas, não mais um ponto de passagem, onde as pessoas apenas se cruzam no aeroporto. Em que outra cidade brasileira pode-se ter essa qualidade de vida? As superquadras, o ar puro, tempo para descansar e pensar. Sem-

pre que venho aqui, olho os monumentos, dou um passeio pelo setor de embaixadas, sinto-me revigorado.

— Quem são os grandes nomes da arquitetura brasileira?

— Por incrível que pareça, tem muita gente jovem surgindo por aí. Recentemente, num encontro de arquitetura em Porto Alegre, tive a oportunidade de conhecer projetos de jovens arquitetos brasileiros e pude sentir que este País produz gente com muita garra, muita esperança no futuro. Por isto, há os eternos Niemeyer, Lúcio Costa e Roberto Burle Marx, com quem estive há pouco no Rio de Janeiro, e que deu-me uma lição sobre paisagismo.

— Brasília seria o símbolo de uma arquitetura tipicamente brasileira?

— Apesar de todo o seu vigor, a arquitetura de Brasília tem um padrão internacional, ou seja, é feita à base de concreto